

Bolsonaro e agro determinam acenos do Brasil à Rússia

Planalto e agro determinam acenos à Rússia em manifestações sobre guerra

Brasil tem ressaltado fertilizantes e preocupações de segurança do governo Putin na ONU

Ricardo Della Coletta e Marianna Holanda

BRASÍLIA Declarações simpáticas a Vladimir Putin por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL) e pressões do agronegócio têm sido determinantes para que o Itamaraty inclua em suas manifestações oficiais nas Nações Unidas sobre o conflito na Ucrânia acenos à Rússia, disseram a Folha interlocutores no governo. Nos últimos dias, o governo endossou resoluções na ONU que condenam a invasão do território ucraniano por forças russas. Mas o Ministério das Relações Exteriores tem colocado em declarações sinalizações que contemplam argumentos defendidos pela gestão de Putin, num movimento que preocupa diplomatas americanos e aliados. Interlocutores dizem que as posições do Itamaraty têm sido definidas no mais alto nível e passado pelo chefe do Planalto. Em alguns casos, o mi-

nistro da Defesa, Braga Netto, também é chamado a opinar. O receio de governos contrários a Putin é o de que as referências pró-Moscovo sejam um prenúncio de uma mudança nos votos do Brasil, hoje membro do Conselho de Segurança da ONU. As pessoas ouvindo, porém, disseram que até o momento não está no radar uma alteração de rota. Negociadores estrangeiros, ao mencionarem essa preocupação a autoridades brasileiras, recebem como resposta que o país é contra a violação das fronteiras ucranianas —mas que isso não o obriga a endossar integralmente a linha de ação das potências ocidentais e que a postura do Itamaraty tem sido coerente. Os membros do CS negociam uma resolução sobre direito humanitário na guerra, e a chancelaria brasileira trabalha para emplacar uma linguagem que não seja condenatória ao Kremlin e que inste as partes a garantir a pro-

teção de civis. Após uma fala há 10 dias com termos severos contra Moscou, as manifestações brasileiras na ONU têm evitado expressões consideradas excessivamente agressivas contra os russos e Putin. Em 25 de fevereiro, um dia depois do início da guerra, o embaixador do Brasil Ronaldo Costa Filho disse que "um limite foi ultrapassado". As preocupações de segurança manifestadas nos últimos anos pela Federação da Rússia, particularmente no que diz respeito ao equilíbrio estratégico na Europa, não conferem ao país o direito de ameaçar a integridade territorial e a soberania de outro Estado", disse na ocasião, num tom duro que não se repetiria no futuro. Naquela sessão, o Brasil apoiou uma resolução que criticou fortemente a agressão militar promovida pelo Kremlin. O texto foi barrado pela missão russa na ONU, já que o país, detentor de cadeira permanente no conselho,

tem poder de veto. Poucos dias depois, a delegação do Brasil votou a favor de um projeto que convocou um debate de emergência sobre a guerra na Assembleia-Geral da ONU —em mais um gesto que contrariou interesses dos russos. Mas, em sua fala, Costa Filho criticou os pilares da estratégia do Ocidente para responder ao ataque (o fornecimento de armas à Ucrânia e as sanções econômicas) dizendo que isso "implica o risco de agravar e prolongar o conflito". Assim, o embaixador brasileiro contemplou temas que passaram a ser uma constante nas posições adotadas pelo governo brasileiro, que tem a ministra Tereza Cristina à frente da pasta da Agricultura: o medo de que as sanções tomadas contra Moscou prejudiquem o fornecimento ao Brasil de fertilizantes, item essencial para o agronegócio. Em 2021, a Rússia, principal exportador do produto no país, respondeu por 22% do to-

A Rússia detém...

10% do mercado global de fertilizantes nitrogenados (2º maior produtor)

19%

do mercado de potássio (2º maior produtor)

7%

do mercado de fertilizantes fosfatados (4º maior produtor)

O Brasil importou...

9,3 milhões de toneladas em 2021

Fontes: Rabobank e Secex

tal desses insumos comprados pelo mercado brasileiro. Na sexta (4), o governo russo recomendou aos produtores de fertilizantes que suspendam suas exportações. O movimento joga ainda mais pressão sobre Bolsonaro, que viajou a Moscou em meados de fevereiro para, segundo ele, garantir o fluxo de importações de fertilizantes ao Brasil. Além da influência do agronegócio, tem tido peso para a inclusão da linguagem menos hostil ao Kremlin nas defesas de Bolsonaro ao líder russo. No dia 27, Bolsonaro discordou do uso do termo "massacre", por uma jornalista em entrevista, para definir a ação russa eironizou o fato de Volodimir Zelenski ter trabalhado como comediante antes de virar presidente da Ucrânia. "Você está exagerando a palavra 'massacre'. Não há interesse por parte de um chefe de Estado praticar um massacre onde quer que seja", disse na ocasião. Na quinta (3), em outro afago ao russo, afirmou que Putin defendeu no passado a soberania brasileira sobre a Amazônia. "Nós temos parceiros hoje em dia que nos ajudam nessas questões." No discurso de 28 de fevereiro na Assembleia-Geral da ONU, no qual votou a criticar a aplicação de sanções, o embaixador Costa Filho fez um dos mais claros acenos a Moscou em seus pronunciamentos —embora a missão brasileira tenha mais uma vez votado pela resolução condenatória à ação militar russa. "O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo", disse. Objeções aos textos que têm sido votados no sistema ONU não se limitaram ao Conselho de Segurança e à Assembleia-Geral. Na sexta (4), o Conselho de Direitos Humanos aprovou a proposta de criação de uma comissão internacional de inquérito sobre violações ao direito humanitário na invasão. Embora tenha sido favorável à abertura da investigação, o chefe da delegação do Brasil em Genebra, Tovar da Silva Nunes, justificou o voto com ressalvas a diferentes trechos do documento analisado. Disse que grande parte da linguagem usada na redação foi inspirada em iniciativas recentes no CS e que conceitos relacionados aos direitos humanos e dos refugiados ficaram "imprecisos". "No contexto do Conselho de Direitos Humanos, essa linguagem constitui precedente injustificável que só faz exacerbá-la a politização de nossas deliberações."



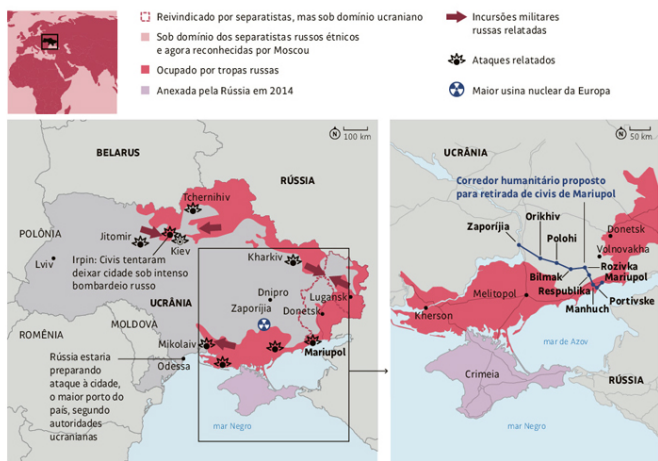
Soldado ucraniano em checkpoint próximo a ponte que liga a cidade de Stoianka à capital Kiev. AFG/MESSING/AFP

Retirada de civis volta a parar; OMS acusa ataques a hospitais

SÃO PAULO Novos ataques neste domingo (6) interromperam pelo segundo dia seguido da retirada de civis de Mariupol. O Batalhão de Azov, da Guarda Nacional ucraniana, divulgou no Telegram e no Twitter, segundo o jornal Pravda da Ucrânia, que novos bombardeios foram realizados na cidade pelos russos. Os separatistas, por outro lado, acusaram as forças de Kiev de não respeitarem o cessar-fogo acertado, de acordo com a agência Interfax. Da mesma forma, o presidente russo, Vladimir Putin, voltou a responsabilizar a Ucrânia. A Cruz Vermelha confirmou suspensão. A retomada foi anunciada mais cedo pela Câmara Municipal de Mariupol, com previsão de início ao meio-dia da hora local (7h em Brasília), após um desrespeito ao cessar-fogo impedir a retirada no dia anterior. Além de Mariupol, a operação foi interrompida neste sábado em Volnovázhka, onde estava prevista ação similar e que também está cercada pelas tropas de Putin. Ainda não foram anunciados, no entan-

to, planos para uma nova retirada, apesar da promessa do líder separatista, Eduard Basurin, de que a ação seria retomada, segundo a agência Tass. Rússia e Ucrânia trocaram acusações sobre os ataques. O Legislativo de Mariupol acusou tropas russas de não respeitarem o prometido. A funcionária da Aeroflot no sábado, Putin negou que forças do país tenham rompido o acordo e culpou "bandeiras e neonazistas ucranianos". No resto do país a Rússia continua com sua ofensiva. A OMS (Organização Mundial da Saúde) relatou que centros médicos foram atingidos, com muitas mortes e pessoas feridas —a Rússia nega agir contra infraestruturas civis. "Ataques contra estabelecimentos de saúde ou trabalhadores são violações da lei humanitária internacional", escreveu o diretor da organização, Tedros Ghebreyesus. A mídia local reportou que neste domingo tropas de Moscou atiraram em civis numa ponte na saída de Irpin. Também houve ataques no centro de Kharkiv. Patrícia Pamplona

Décimo primeiro dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia



Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times, Google Earth, Instituto para o Estudo da Guerra e The Guardian

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10